



CANDIDO GUERREIRO

“EROS!”

EDIÇÃO DA LIVRARIA EDITORA
FRANÇA AMADO. COIMBRA.



do Virgílio Passo,
lealissimo companheiro,
com muita amizade
aff.

Candido Freppes
1207

“EROS!”

LIVROS DE CANDIDO GUERREIRO :

Rosas desfolhadas, 1896.

Petalas (folh.), 1897.

Ave-Maria, 1900.

Sonetos, 1904.

A SEGUIR :

Sonetos, 2.^a edição.

CANDIDO GUERREIRO



“EROS!”



COIMBRA

F. FRANÇA AMADO — EDITOR

—
1907

A Mario de Vasconcellos.

“EROS!”

« Jardim fechado és, irmã minha esposa,
jardim fechado, fonte sellada. »

Ella caminha, triumphal, egregia,
Na pompa e gloria d'uma imperatriz,
Perfeita, excelsa, e magestosa, e regia,
Alvoroçando os peitos juvenis.

E mais fidalga e mais altiva ainda
Que um exercito em marcha para a guerra,
Ella caminha, e radiante e linda,
Seus passos illuminam toda a terra!

Ella caminha, e os corações, de rastros,
Logo em estrellas se mudam, pelo chão...
E assim parece andar calcando os astros,
Numa serena e rútila ascenção...

E nessa Via-lactea que ella accende
Por sobre as almas, passa distrahida,
Sem reparar no culto que lhe rende
A noite ajoelhada e recolhida...

Certo Poeta ingenuo, por descuido,
Bebendo nos seus olhos de azeviche,
De imponderavel, perturbante fluido,
A embriaguez do opio e do haschich,

Sonhou que a tinha violado, e logo
— Oh sonho oriental, extraordinario! —
Fez-lhe estes versos barbaros, de fogo,
Dithyrambo de sol, tumultuario:

« Sobre um rubro damasco destacava
Da tua nudez lactea a claridade,
Nessa penumbra em que eu te desfolhava
O cactus singular da virgindade...

« Faziam-me lembrar, na côr mimosa,
Teus seios, d'um macio lirial,
Limões d'ouro de bicos côr de rosa
E aroma rescendente e sensual.

« Nelles poisavam os meus beijos como
Poisa um enxame soffrego de abelhas
Num doce e quente, avelludado pomo,
Sussurrantes, gulosas e vermelhas...

« Amphora preciosa de Corinto,
Teu corpo esbelto encerra uma mistura
De saboroso mel e amargo absyntho
— O licor venenoso da loucura.

« As tuas mãos patricias, como orchideas,
São um luar florindo entre açucenas...
Oh formas immortaes, sonho de Phidias,
Eu tenho um goso que não teve Athenas...

« Do teu cabelo o manto incomparavel
Os teus hombros reaes veste de treva,
Qual noite tempestuosa e formidavel
Caindo nas montanhas, quando neva.

« Cabello em ondas de seara verde!
Tenda que o meu olhar nomada abriga,
Como o arabe errante que se perde
E adormeceu sob a palmeira antiga!

« Os teus olhos são duas odaliscas
Que dos cilios ebanicos á sombra
Estão cantando musicas mouriscas,
Num rythmo que me embala e que me assombra...

« Lagos de luz, mysteriosos lagos,
Orlados de salgueiros tenebrosos,
Dos teus olhos desprendem-se os affagos,
Como sereias promettendo gosos...

« Teus labios, a varanda do oriente
D’onde a aurora semeia as suas rosas,
São portas dum palacio refulgente
Em que se guardam pedras preciosas.

« A tua lingua, petala de chamma
Com que os labios vermelhos incendeias,
E’ um punhal que fere e que derrama
Um combate sangrento em minhas veias.

« A tua maviosissima garganta
E' perfeita, impecavel e suave,
A torre de marfim que se alevanta
Num florido pomar fechado á chave.

« E eis por que a voz que d'ella se desata
E' um crystal vibrando num festim,
E' um ribeiro múrmuro de prata,
E abala como um toque de clarim.

« A graça harmoniosa do teu collo,
Duas pombas airosas e irrequietas!
São dois lirios alvissimos do polo,
Duas rimas vibrantes e completas.

« Como alguém que, sósinho, accordou entre
As sombras d'uma egreja, e o medo turva,
Meu olhar...

Oh mysterio do teu ventre,
Sagrada e doce, pequenina curva!...

« Oh marmore divino dos teus flancos,
Que só a minha mão profana toca!...
Dos teus braços nervosos e tão brancos
Faze um collar com que me cinjas, louca...

« Oh carne gloriosa que eu aperto,
Quero fundir-me em ti, oh carne augusta,
Como uma gotta d'agua, no deserto,
Bebida, anciosa, pela areia adusta.

« Param leões junto do rio occulto
E a caravana ao pé d'uma cisterna:
E' em ti que os meus beijos, em tumulto,
Matam a sêde de belleza eterna.

« Em ti, como em recondita floresta,
Gemem as rolas bravas dos meus beijos,
E á tua sombra amiga eu durmo a sesta
E apascento o rebanho dos desejos...

« Fonte de leite e mel, secreta fonte,
Com macieiras e um rosal em torno,
Meu jardim todo em flor que pelo monte
Espalha um cheiro inebriante e morno!

« Não sei qual a fragrancia que se exhala
De ti, que lembra o nardo e que embebeda...
Teu halito, sem duvida... Mas falla!
Venha embalar-me a tua voz de seda...

« E tu murmuras: — « *Bem-Amado, toma
Este vinho de Chypre, e que Aphrodite,
Com um tão forte e capitoso aroma,
A bocca te perfume e o sangue agite.*

« *Mata-me em ebria, em amorosa furia,
Num delirio supremo, de tal sorte,
Que eu desfalleça em estos de luxuria:
Seja o amor realmente o irmão da morte.*

« *Sagrada cortexan de Alexandria,
Sôltas as longas e nocturnas tranças,
Hei-de dançar-te, nua, numa orgia,
As ondeantes, voluptuosas danças...*

« *Sou linda, Bem-Amado, e tu és moço:
Em musicaes, maravilhosas rondas,
Hei-de imitar-te o languido balouço
D'um navio encantado sobre as ondas...*

« *De entre um bosque de myrtos e de louro,
Oh citharas, cantae a minha boda!
Meu corpo é de marfim e a noite é d'ouro:
Sou tua, meu amor, toma-me toda... »*

.....

Passam escuras, bravas invernias,
Passam por elle as multidões sonoras;
Mas a voz d'ella innunda-o de harmonias,
Mas a visão forra-lhe o ceo d'auroras!

Fluctuam estandartes, trapejando
Ao vento impetuoso das revoltas...
Isso que importa ao visionario, quando
Elle está vendo aquellas tranças, soltas?...

Elle ergue ao ar suas canções bizarras,
Dahlias de fogo, pelo azul, a arder,
Como trombetas, hallalís, fanfarras,
Saudando a apparição d'essa Mulher.

Como o frade da lenda, sem dar conta
Do que lhe vae em torno, continua,
Hallucinado, a ver, cabeça tonta,
Aquella carne esplendorosa e nua...

Ballada

Para a recita do curso do 5.º anno
juridico de 1906-1907.

VOZ

Bohemia ardente na despedida !
Noite de rosas, noite de palmas,
Mas anoitece na nossa vida,
Mas anoitece nas nossas almas . . .

CÔRO

Adeus, Coimbra! Vamos embora . . .
Noite de festa, noite de magua . . .
Se em nossas boccas canta uma aurora,
Porque é que os olhos se arrasam de agua? . . .

VOZ

Choupos esguios e verdejantes
São mãos piedosas com que a paisagem,
A doce amiga dos estudantes,
Nos dá a benção para a viagem . . .

Choupos sagrados, que em prantos d'ouro,
Ao vir outubro, vos desfolhaes,
Quantas saudades ha nesse choro,
Que os que partiram não voltam mais . . .

Luar de Coimbra, lirios de neve
Que o ceo entorna, pelas noitadas,
Chuva de prata, tomba de leve,
Tomba de manso nas guitarradas . . .

Chuva encantada de pennas finas,
Chuva de opalas, chuva de rendas,
Lagos de espuma sobre as campinas,
Halos dos montes, luar de lendas,

Não és tão lindo, branco e suave,
Não és tão doce como o luar
Dos seios virgens, dos collos de ave
Que as nossas trovas vão despertar...

Passam ao longe capas ao vento...
Morrem os cantos, ai, que saudade!
Flori, oh sonhos, inda um momento
Neste poente de mocidade!...

Flori, oh sonhos, alguns instantes!
Doirae, estrellas, ainda o azul!
Tempo de amores e de estudantes
E' como a taça do Rei de Thule...

CANDIDO GUERREIRO.